

CHRIS CLEAVE

*Pequena
Abelha*

TRADUÇÃO DE MARIA LUIZA NEWLANDS



SOBRE O AUTOR

CHRIS CLEAVE nasceu em 1973, em Londres. Estudou psicologia em Oxford e é colunista do jornal *The Guardian*. *Pequena Abelha*, seu segundo livro, publicado em 20 países, será adaptado para o cinema, estrelado e produzido por Nicole Kidman. Foi finalista do Prêmio Costa de 2008 como Melhor Obra de Ficção e indicado para o Prêmio Commonwealth Writers' como Melhor Livro de 2009. O primeiro livro de Cleave, *Incendiary*, vencedor do Prêmio Somerset Maugham, do Prêmio First Fiction do United States Book-of-the-Month Club e do Prêmio Especial do Júri do Prix des Lecteurs francês, teve versão cinematográfica protagonizada por Ewan McGregor e Michelle Williams. O autor mora em Londres com a esposa francesa e os três filhos.

DA PRIMAVERA DE 2007 até o final daquele longo verão em que Pequena Abelha veio morar conosco, meu filho só tirou a fantasia de Batman na hora do banho. Encomendei uma fantasia idêntica que eu trocava pela suja enquanto ele brincava na espuma de sabão, de modo que pelo menos eu pudesse tirar o cheiro de suor e as manchas de grama e terra da primeira. Era um serviço sujo, ele ajoelhado no mato, lutando contra grandes criminosos. Se não era o Senhor Frio com seu covarde raio de gelo, era o Pinguim — o inimigo mortal do Batman — ou o Puffin, mais sinistro ainda, cuja perversidade absoluta os criadores originais da franquia Batman inexplicavelmente deixaram de registrar. Meu filho e eu vivíamos com as consequências — uma casa cheia de acólitos, asseclas e comparsas, espreitando-nos de trás do sofá, dando gargalhadas sombrias no vão estreito ao lado da estante e em geral surgindo de supetão no meio de nós, sem mais nem menos. Era um susto depois do outro, na verdade. Aos quatro anos, dormindo ou acordado, meu filho vivia em constante prontidão. Não havia possibilidade de se tirar dele a diabólica máscara de morcego, a roupa de lycra, o cinto de utilidades amarelo e brilhante e a capa negra como piche. E não adiantava chamar meu filho por seu nome de batismo. Ele se limitava a olhar para trás, inclinar a cabeça para o lado e dar de ombros — como se dissesse: “Meus bat-sentidos não detectaram a presença de nenhum menino com esse nome aqui, madame.” O único nome pelo qual meu filho atendia naquele verão era “Batman”. Também não adiantava lhe explicar que seu pai tinha morrido. Meu filho não acreditava na possibilidade física da morte. A morte era algo que só poderia ocorrer se os planos diabólicos

da turma do mal não fossem constantemente frustrados — e isso, é claro, era impensável.

Naquele verão — o verão em que meu marido morreu — todos tínhamos identidades que relutávamos em abandonar. Meu filho tinha sua fantasia de Batman, eu ainda usava o sobrenome de meu marido e Pequena Abelha, a nossa Abelhinha, apesar de estar relativamente em segurança conosco, ainda se agarrava ao nome que adotara numa época de terror. Éramos exilados da realidade, naquele verão. Éramos refugiados de nós mesmos.

Fugir da crueldade é a coisa mais natural do mundo, claro. E as circunstâncias que nos reuniram naquele verão foram extremamente cruéis. Abelhinha nos telefonou na manhã em que a soltaram do centro de detenção. Meu marido atendeu a ligação. Eu só soube muito mais tarde que tinha sido ela — Andrew nunca me contou. Aparentemente, ela lhe avisou que estava vindo, mas imagino que ele não estivesse preparado para vê-la outra vez. Cinco dias depois, se enforcou. Encontraram meu marido com os pés no ar, no vazio, sem tocar o solo de país nenhum. A morte, claro, é um refúgio. É para onde você vai quando um nome novo ou uma máscara e uma capa não conseguem mais escondê-lo de si mesmo. É para onde você corre quando nenhum dos principados da sua consciência lhe concede asilo.

Abelhinha bateu na minha porta da frente cinco dias depois da morte do meu marido, ou seja, dez dias depois de ter sido solta. Após uma viagem de oito mil quilômetros e dois anos, ela chegou tarde demais para encontrar Andrew vivo mas bem a tempo para o enterro dele.

— *Olá, Sarah* — disse ela.

Abelhinha chegou às oito da manhã e o agente funerário tocou a campainha às dez. Nem um segundo a menos ou a mais. Imagino que o agente funerário tenha ficado parado em silêncio na frente da nossa porta de entrada durante muitos minutos, olhando para o relógio, esperando que nossas vidas convergissem para a linha precisa da falha geológica em que nosso passado podia ser cortado e separado de nosso futuro com três batidas leves da aldraba de latão lustroso.

Meu filho abriu a porta e avaliou a altura do agente funerário, o terno impecável e as maneiras sóbrias. Imagino que o agente funerário fosse exatamente igual ao prosaico *alter ego* do Batman. Meu filho gritou para mim pelo corredor:

— *Mamãe, é o Bruce Wayne!*

Naquela manhã, saí para a rua e fiquei ali parada, olhando o caixão de Andrew através do vidro grosso e ligeiramente esverdeado da janela do

carro funerário. Quando Abelhinha veio ao meu encontro trazendo Batman pela mão, o agente funerário conduziu-nos para uma limusine comprida e negra e fez um sinal com a cabeça para entrarmos. Eu lhe disse que preferíamos ir a pé.

Parecia que tínhamos sido montados no Photoshop, nós três, indo para o enterro do meu marido. Uma mãe branca de classe média, uma refugiada negra esquelética e um pequeno e sombrio cavaleiro de Gotham City. Era como se tivéssemos sido cortados e colados. Meus pensamentos disparavam, com imagens de pesadelo, sem nexos.

Eram só algumas centenas de metros até a igreja e nós três seguíamos pela rua na frente do carro fúnebre enquanto uma fila de motoristas irritados se formava atrás. Aquilo me incomodou terrivelmente.

Eu estava usando uma saia e um casaco cinza-escuro, luvas e meias cor de carvão. Abelhinha usava minha elegante capa de chuva preta por cima das roupas com as quais saíra do centro de detenção — uma camisa havaiana totalmente imprópria para um enterro e calças jeans. Meu filho exibiu uma expressão de absoluta alegria. Ele, Batman, parou o trânsito. Sua capa ondulava em seu rastro diminuto enquanto ele avançava orgulhosamente, o sorriso largo indo de bat-orelha a bat-orelha debaixo da máscara escura. Em algum momento, sua visão privilegiada detectaria um inimigo a ser golpeado e, quando isso ocorresse, meu filho simplesmente pararia, golpearia esse inimigo e continuaria andando. A preocupação dele era que as hordas invisíveis do Puffin pudessem me atacar. A minha era ele não ter feito xixi antes de sair de casa e portanto acabar fazendo nas suas bat-calças. Também me preocupava ficar viúva para o resto da vida.

A princípio, achei muito corajoso da minha parte insistir em ir a pé até a igreja, mas agora me sentia tonta e tola. Achei que poderia desmaiar. Abelhinha segurou meu cotovelo e disse num sussurro que eu respirasse fundo. Lembro-me de pensar: Que estranho ser exatamente *você* quem está *me* amparando.

Na igreja, sentei no banco da frente, com Abelhinha à minha esquerda e Batman à minha direita. A igreja estava entupida de gente enlutada, claro. Ninguém do trabalho — eu tentava manter minha vida e minha revista separadas uma da outra — mas, ainda assim, todo mundo que eu e Andrew conhecíamos estava presente. Era desconcertante, como se eu tivesse todos os nomes da minha agenda de endereços vestindo roupas pretas e distribuídos pelos bancos da igreja em ordem não alfabética. Tinham-se organizado de acordo com um protocolo tácito de pesar, com os parentes consanguíneos

vampirescamente próximos do caixão, as antigas namoradas aglomerando-se com ar relutante perto da pia batismal. Não tive coragem de olhar para trás e testemunhar essa nova ordem natural das coisas. Tudo fora repentino demais. Uma semana antes, eu era uma profissional bem-sucedida e mãe. Agora, estava sentada assistindo ao funeral de meu marido, flanqueada por um super-herói e uma refugiada nigeriana. Parecia um sonho do qual eu poderia despertar com esforço relativamente pequeno. Contemplei o caixão de meu marido, coberto de lírios brancos. Batman olhava fixo para o sacerdote. Lançou um olhar de aprovação para sua estola e sua sobrepeliz. Fez-lhe um sinal solene com o polegar para cima, uma saudação de um cruzado para outro, de um companheiro de capa para outro. O vigário devolveu o cumprimento, depois seu polegar voltou para a lombada de um dourado meio desbotado de sua Bíblia.

A igreja ia silenciando, cheia de expectativa. Meu filho olhou em torno, depois outra vez para mim.

— *Onde está o papai?* — perguntou.

Aperfei a mão quente e suada de meu filho e escutei as tosses e fungadelas das pessoas ecoarem pela igreja. Perguntava a mim mesma como seria possível explicar a morte de meu marido para seu filho. Depressão fora o que matara Andrew, claro — depressão e culpa. Mas meu filho não acreditava em morte, muito menos na possibilidade de a morte ser causada por meras emoções. Talvez pelos raios do Senhor Frio. No máximo pelo poder letal da envergadura das asas do Puffin. Mas por causa de um simples telefonema de uma garota africana magricela? Impossível lhe explicar isso.

Dei-me conta de que um dia teria de contar toda a história a meu filho. Pensei por onde começaria. Fora dois anos antes, no verão de 2005, que Andrew iniciou seu longo e lento mergulho na depressão que finalmente o levou. Começou no dia em que encontramos Abelhinha pela primeira vez, numa praia deserta da Nigéria. A única lembrança que tenho desse primeiro encontro é uma ausência no lugar onde ficava meu dedo médio da mão esquerda. A amputação foi benfeita. No lugar do dedo, tenho um toco, um dedo fantasma que costumava ser responsável pelas teclas do E, do D e do C do meu *laptop*. Não posso mais confiar no E, no D nem no C. Eles somem quando mais preciso deles. *Pleased* se torna *please*. *Ecstasies* se torna *stasis*.

Sinto mais falta do meu dedo nos dias de fechamento, quando todos os copidesques já foram para casa e estou digitando os acréscimos de última hora de minha revista. Publicamos certa vez um editorial em que eu dizia

que “homens sensíveis me deixavam cautelosa” [*wary*]. Queria dizer, claro, que me deixavam cansada [*wearry*], e depois de centenas de cartas ressentidas de namorados mais zelosos que por acaso leram meu artigo na mesa da sala de sua companheira (presumivelmente entre uma massagem nas costas e a lavagem dos pratos), comecei a perceber quão cansada estava. Foi um erro de digitação, disse a eles. Não acrescentei que fora o tipo de erro de digitação que é causado por um facão de aço numa praia nigeriana. Quer dizer, como definir um encontro em que se ganha uma moça nigeriana e se perde o E, o D e o C? *Acho que vocês não têm uma palavra para isso em sua língua. É o que Abelhinha diria.*

Sentada no banco da igreja, massageava o toco de meu dedo, quando admi-ti pela primeira vez que meu marido estava condenado desde o dia em que conhecemos Abelhinha. Os dois anos subsequentes, até o dia da morte dele, trouxeram uma série de premonições de piora que culminaram na fatídica manhã, dez dias antes, quando acordei com o som do telefone tocando. Meu corpo inteiro formigou de pavor. Foi numa dessas manhãs comuns de dias de semana. O número de junho de minha revista estava quase pronto para ir para a gráfica e a coluna de Andrew para o *The Times* também ia ser enviada. Apenas uma daquelas manhãs normais, e no entanto senti a penugem da parte de trás dos meus braços arrepiar-se.

Nunca fui uma dessas mulheres felizes que insistem que a desgraça acontece de uma forma inesperada. Para mim, existem incontáveis presságios, inúmeras pequenas falhas na normalidade. A barba por fazer de Andrew, uma segunda garrafa desarrolhada num dia de semana, o uso da voz passiva no texto do artigo na sexta-feira, último dia para entregá-lo. *Certas atitudes adotadas por esta sociedade deixaram este comentarista um tanto perdido.* Esta foi a última frase que meu marido escreveu. Em sua coluna no *The Times*, ele era sempre muito preciso em relação às palavras. Para um leigo, *perdido* seria sinônimo de *desorientado*. Vindo de meu marido, foi um adeus calculado.

Fazia frio dentro da igreja. Ouvi o vigário dizer:

— *Onde, ó morte, está teu aguilhão?*

Olhei os lírios e inalei a doce acusação deles. Meu Deus, como eu gostaria de ter prestado mais atenção em Andrew.

Como explicar a meu filho que os sinais de aviso eram sutis demais? Que a desgraça, quando está bem certa de sua força, anuncia-se quase sem mover os lábios? Dizem que, uma hora antes de um terremoto, nuvens cor de chumbo se acumulam no céu, o vento se reduz a um sopro quente e os pássaros se calam nas árvores da praça da cidade. Sim, mas esses são

os mesmos fenômenos que precedem a hora do almoço, ora bolas. Se tivéssemos reações exageradas cada vez que o vento amaina, estaríamos sempre debaixo da mesa de jantar quando deveríamos é estar colocando os pratos em cima dela.

Será que meu filho aceitaria que foi assim com seu pai? *Meu braço ficou todo arrepiado, Batman, mas eu tinha uma casa e uma família para cuidar. Nunca pensei que ele realmente faria o que fez.* Tudo o que sinceramente posso dizer é que acordei com o telefone tocando e meu corpo prevendo algum acontecimento grave, embora eu nunca imaginasse que seria tão sério.

Charlie ainda estava dormindo. Andrew atendeu o telefone rapidamente em seu escritório, antes que o som da campainha acordasse nosso filho. A voz de Andrew foi ficando agitada. Escutava-o claramente do quarto de dormir.

— *Me deixe em paz* — disse ele. — *Tudo isso aconteceu faz muito tempo e não foi culpa minha.*

O problema é que meu marido não estava realmente convencido daquilo.

Encontrei-o aos prantos. Perguntei quem telefonara, mas ele não quis dizer. Então, como estávamos ambos acordados e Charlie ainda estava dormindo, fizemos amor. Às vezes eu fazia isso com Andrew. Mais para ele do que para mim, realmente. Àquela altura de nosso casamento, tornara-se uma tarefa de manutenção, como checar os aquecedores — apenas mais um dos cuidados domésticos. Eu não sabia — na verdade, ainda hoje não sei — que terríveis consequências podem resultar de não se fazer a manutenção dos aquecedores. Não é algo que uma mulher precavida jamais se permitirá descobrir.

Não dissemos uma palavra. Levei Andrew para o quarto e nos deitamos na cama sob as altas janelas georgianas com cortinas de seda amarela. As cortinas tinham folhagens bordadas num tom claro. Pássaros de seda escondiam-se ali numa espécie de apreensão silenciosa. A manhã estava luminosa em Kingston-upon-Thames, mas a luz do sol passava através das cortinas em um tom de açafrão escuro e florido. Era febril, quase malarico. As paredes do quarto eram amarelas e ocre. Além do patamar cujo piso de madeira rangia, o escritório de Andrew era branco — cor de páginas em branco, imaginó. Foi onde fui buscá-lo depois do terrível telefonema. Li algumas palavras de sua coluna por cima de seu ombro. Ele havia ficado acordado a noite inteira escrevendo um artigo sobre o Oriente Médio, uma região que nunca visitara e sobre a qual não era nenhum especialista. Era o verão de 2007, e meu filho estava lutando contra o

Pinguim e contra Puffin, e meu país lutava contra o Iraque e o Irã, e meu marido estava formando a opinião pública. O tipo de verão em que ninguém tirava sua fantasia.

Afastei meu marido do telefone. Puxei-o para dentro do quarto pelo cinto do seu roupão, uma espécie de cordão com borlas na ponta, porque lera em algum lugar que isto poderia excitá-lo. Puxei-o até nos deitarmos em nossa cama.

Lembro da maneira como ele se mexia dentro de mim, como um relógio com o mecanismo principal começando a parar. Aproximei seu rosto do meu e sussurrei:

— *Meu Deus, Andrew, você está passando bem?*

Meu marido não respondeu. Só fechou os olhos cheios de lágrimas e começamos a nos mexer mais rápido enquanto deixávamos escapar pequenos gemidos involuntários e cada um se refugiava nos gemidos do outro em um desespero sem palavras.

No meio dessa pequena tragédia, surgiu meu filho, que se sentia mais à vontade combatendo o mal numa escala mais ampla e mais violenta. Abri os olhos e dei com ele parado junto à porta do quarto, observando-nos através das fendas ovais dos olhos de sua bat-máscara. Pela expressão da parte do seu rosto que estava descoberta, parecia estar conjeturando qual (ou se algum) dos instrumentos de seu cinto de utilidades poderia ajudar naquela situação.

Quando vi meu filho, empurrei Andrew para fora de mim e procurei freneticamente a beirada do edredom para nos cobrir. E disse:

— Oh, meu Deus, Charlie, desculpe.

Meu filho olhou para trás, depois olhou para mim outra vez.

— Charlie não está aqui. Sou o Batman.

Assenti e mordi o lábio.

— Bom dia, Batman.

— O que você e papai estão fazendo, mamãe?

— Ahn...

— Cês tão lutando contra os bandidos?

— “Vocês estão” lutando contra os bandidos, Charlie, e não “cês tão”.

— Vocês estão?

— Estamos, Batman, é exatamente o que estamos fazendo.

Sorri para meu filho e esperei. Fiquei pensando o que Batman diria em seguida. E o que ele disse foi:

— Alguém fez cocô em meu uniforme, mamãe.

— Fez cocô, Charlie.

— É. Um cocô enorme.

— Ah, Batman. Foi você que fez cocô em seu uniforme?

Batman sacudiu a cabeça. Suas bat-orelhas estremeceram. Debaixo da máscara, uma expressão de grande astúcia estampou-se na parte visível de seu rosto.

— Não fui eu que fiz este cocô. Foi o *Puffin*.

(O grifo é de autoria dele).

— Está me dizendo que o Puffin veio à noite e fez cocô no seu bat-uniforme?

Batman balançou a cabeça concordando. Reparei que estava usando a máscara mas despira sua roupa de Batman. Estava nu, exceto pela capa e pela máscara. Levantou a roupa de Batman para eu examinar. Uma bolota de algo caiu de dentro e bateu no tapete. O cheiro era indescritível. Sentei na cama e vi uma trilha de bolotas pelo tapete até a porta do quarto. Em algum lugar dentro de mim, a moça que optou por ciências no ensino médio notou, com fascinação empírica, que as fezes tinham se espalhado por outros locais, que incluíam — mas não se limitavam a — as mãos de Batman, o batente da porta, a parede do quarto, meu rádio-despertador e, claro, o uniforme do Batman. A merda de meu filho estava em toda parte. Havia merda em suas mãos. Merda em seu rosto. Até no bat-escudo amarelo e preto de seu bat-uniforme havia merda. Tentei, mas não consegui acreditar que eram excrementos de Puffin. Aquilo era bat-merda.

Lembrei vagamente de algo que lera na página de pais e filhos.

— Tudo bem, Batman. Mamãe não está zangada.

— Mamãe limpa o cocô.

— Hã... É. Jesus...

Com ar sério, Batman sacudiu a cabeça.

— Não, Jesus, não. *Mamãe*.

O rancor ia começando a superar a sensação de constrangimento e de culpa. Olhei para Andrew, deitado com os olhos fechados e as mãos torcidas, uma das estranhas facetas de seu quadro depressivo, nosso sexo infeliz interrompido e o fedor muito intenso de merda.

— Batman, por que você não pede ao papai para limpar você?

Meu filho olhou o pai durante um longo tempo, depois se virou para mim. Pacientemente, como se explicasse algo para um imbecil, ele sacudiu a cabecinha outra vez.

— Mas por que não? (Falei dessa vez com voz suplicante.) Por que não pede ao papai?

Batman tinha um ar solene.

— Papai está lutando contra os bandidos — disse ele, a gramática irrepreensível. Olhei também para o pai dele e suspirei.

— É — concordei. — Acho que você tem razão.

Cinco dias depois, na última manhã em que vi meu marido vivo, acabei de vestir meu pequeno cruzado de capa, dei-lhe o café da manhã e levei-o para o clube dos Madrugadores da sua creche. Ao voltar para casa, tomei um banho de chuveiro. Andrew ficou me observando enquanto eu vestia minha meia-calça. Eu sempre caprichava nos dias de fechamento. Sapatos altos, saia, casaco verde elegante. A publicação de uma revista tem seus ritmos e, se a editora-chefe não os acompanha, não pode exigir que sua equipe o faça. Não faço reunião de pauta usando Fendi nem fecho uma edição usando tênis Puma. De modo que me vesti depressa, de olho no relógio, enquanto Andrew me observava deitado na cama, nu. Não disse uma palavra. Quando o olhei de relance pela última vez, antes de fechar a porta do quarto, ainda me seguia com os olhos. Como descrever para o filho a última expressão que vi no rosto do pai? Decidi que diria a meu filho que seu pai parecia muito sereno. Decidi que não lhe contaria que meu marido abriu a boca para dizer alguma coisa mas que eu estava atrasada e fui embora.

Cheguei ao escritório por volta das 9h30. A revista ficava em Spitalfields, na Commercial Street, a noventa minutos de Kingston-upon-Thames de transporte público. O pior momento é quando se sai da rede de superfície e se desce para o calor do metrô. Havia duzentas pessoas espremidas dentro de cada vagão. Com o corpo imprensado e imóvel, ouvimos o rangido estridente das rodas de metal nos trilhos. Durante três paradas, viajei apertada de encontro a um homem magro vestido com um casaco de veludo cotelê que chorava em silêncio. Normalmente, teria desviado o olhar, mas minha cabeça estava imobilizada numa tal posição que só podia olhar para ele. Gostaria de ter passado um braço pelos ombros daquele homem — até um afago simpático em seu ombro teria bastado. Mas os outros passageiros não deixavam que movesse meus braços. Talvez alguns desses também tenham tido vontade de consolar o homem, mas estávamos todos comprimidos demais para nos movermos. O próprio número de pessoas bem-intencionadas tornava a compaixão algo embaraçoso. Um de nós teria de empurrar os outros para abrir caminho até ele e dar o exemplo para todos, o que teria sido uma atitude nada britânica. Eu não tinha certeza se seria capaz de manifestar ternura assim, num trem lotado, sob o olhar silencioso dos outros. Foi horrível para mim não ajudar o homem, mas eu estava dividida, oscilando entre dois

tipos de vergonha. Por um lado, a vergonha de não cumprir uma obrigação humana. Por outro, a loucura de ser a primeira de uma multidão a ousar um gesto.

Sorri, impotente, para o homem que chorava e não conseguiu parar de pensar em Andrew.

Assim que se chega à superfície, claro, é fácil esquecer nossas obrigações humanas. Londres é uma bela máquina para fazer esse tipo de coisa. A cidade estava brilhante, fresca e convidativa naquela manhã. Eu estava animada com o fechamento do número de junho e praticamente corri os últimos dois minutos até o escritório. Do lado de fora de nosso prédio estava o nome da revista, *NIXIE*, com letras em néon cor-de-rosa de noventa centímetros de altura. Parei do lado de fora um instante, respirando fundo algumas vezes. O ar estava parado e dava para ouvir os estalidos do néon acima do ruído do tráfego. Pousei a mão na porta e me perguntei o que Andrew estaria prestes a dizer pouco antes de eu sair de casa.

Meu marido nem sempre ficou sem saber o que dizer. Os longos silêncios só começaram no dia em que conhecemos Abelhinha. Antes disso, ele não parava um minuto calado. Em nossa lua de mel, conversamos sem parar. Fomos para uma casa de veraneio na beira da praia e tomávamos rum e limonada, e conversávamos tanto que sequer notei qual era a cor do mar. Sempre que preciso parar e me lembrar de quanto amei Andrew um dia, basta pensar nisso. O fato de o oceano cobrir sete décimos da superfície da terra e ainda assim meu marido ter conseguido me fazer não notar tal coisa. Era a dimensão dele em minha vida. Quando voltamos para nossa casa em Kingston, perguntei a Andrew de que cor era aquele mar da lua de mel. Ele disse:

— *Pois é, não era azul?*

E eu disse:

— *Ora, Andrew, vamos lá, você é um profissional, sabe fazer melhor do que isso.*

E Andrew disse:

— *Está bem, então, a vastidão espantosa do oceano era um esplendor de azul ultramarino coroadado de carmesim e ouro, onde o sol radiante incendiava as cristas das ondas e as lançava nas depressões sombrias, que se aprofundavam em um azul-escuro e maligno.*

Ele prolongou a penúltima sílaba, a voz mais grave dando o tom de comichade pomposa, e levantou as sobrancelhas. *Ma-LIIG-no*, trovejou ele.

— *Você sabe muito bem por que não reparei no mar. Foi porque passei duas semanas com minha cabeça na...*

Bem, onde estava a cabeça de meu marido só interessa a ele e a mim.

Nós dois ríamos sem conseguir nos conter e rolávamos na cama, e assim Charlie, o Charlie querido, foi concebido.

Abri a porta da rua e entrei no saguão da revista. O mármore negro italiano era o único ornamento que sobrevivera desde que alugáramos os escritórios. O resto era a nossa cara. Caixas de amostras de vestidos de aspirantes a grandes confecções de moda haviam sido empilhadas ao longo de uma parede. Algum estagiário fizera uma triagem e marcara as caixas com um grosso marcador azul: SIM, MANTER PARA FOTOS, ou AH, ACHO QUE NÃO, ou o triunfantemente categórico ISTO NÃO É MODA. Um bonsai de junípero seco jazia num vaso Otagiri dourado rachado. Três bolas de Natal cintilantes ainda pendiam dele. As paredes tinham sido pintadas de fúcsia e guarnecidas de luzinhas multicores, e até a tênue luz do sol atravessando os vitrais coloridos que davam para a Commercial Street mostrava que a pintura estava manchada e gasta. Eu cultivava aquela aparência descuidada. *Nixie* não era para ser como as outras revistas femininas. Elas que continuassem com seus saguões impecáveis e suas pretensiosas cadeiras Eames. Quando se trata de opções editoriais, prefiro ter uma equipe de primeira e um saguão desleixado.

Clarissa, minha editora de matérias especiais, entrou logo depois de mim. Trocamos um, dois, três beijos — somos amigas desde o tempo de escola — e ela enfiou um braço no meu enquanto subíamos as escadas juntas. A redação ficava no último andar. Já na metade do caminho, reparei o que estava errado com Clarissa.

— Clarissa, você está com a mesma roupa de ontem.

Ela deu um sorriso afetado.

— Você também estaria se tivesse encontrado com o homem de ontem.

— Ah, Clarissa. O que vou fazer com você?

— Dar um aumento, um café forte e paracetamol.

Abriu um sorriso radiante enquanto enumerava as sugestões nos dedos. Lembrei a mim mesma de que Clarissa não possuía algumas das coisas maravilhosas que eu tinha em minha vida, como meu filho lindo, Batman, e portanto era indiscutivelmente menos realizada do que eu.

Eram 10h30, hora da entrada de minha equipe júnior, benditos sejam, e ninguém tinha chegado ainda. Os faxineiros ainda não tinham liberado a redação. Estavam passando o aspirador no chão, espanando os tampos das mesas e virando de cabeça para baixo todos os porta-retratos dos horríveis namorados da minha equipe para provar que tinham tirado o pó dali. Aquela era a parte sorria-e-aguente-sem-reclamar do trabalho na *Nixie*. Na *Vogue* ou na *Marie-Claire*, a equipe editorial tinha de estar a postos às oito, vestindo

Chloé e bebericando chá verde. Por outro lado, à meia-noite ainda estariam lá, rabiscando CECI N’EST PAS PRÊT-À-PORTER em caixas de amostras a serem devolvidas para alguma venerável casa de moda de Paris.

Clarissa sentou-se na ponta de minha mesa e eu em minha cadeira, e lançamos um olhar para o espaço sem divisórias adiante, para o bando de rostos negros fazendo sumir amostras de tecido da véspera e copos de café Starbucks.

Falamos sobre o número da revista que estávamos fechando. O pessoal da publicidade saíra-se extraordinariamente bem naquele mês — talvez a subida vertiginosa do preço das drogas os tivesse forçado a passar mais tempo no escritório — e percebemos que dispúnhamos de mais material editorial do que espaço. Eu tinha uma matéria sobre “vida real” que, na minha opinião, deveria realmente entrar — era o perfil de uma mulher que tentava sair de Bagdá — e Clarissa tinha um artigo sobre um novo tipo de orgasmo que aparentemente só se podia ter com o chefe. Discutimos sobre qual deles sairia naquele número. Eu não estava totalmente concentrada naquela conversa. Mandei uma mensagem de texto para Andrew para saber o que ele estava fazendo.

A TV de tela plana na nossa extremidade da redação transmitia baixinho o News 24, da BBC. Era um bloco de notícias sobre a guerra. Subia fumaça acima de um dos países envolvidos. Não me perguntem qual — não acompanhava mais nada àquela altura. A guerra já durava quatro anos. Começara no mesmo mês do nascimento de meu filho e ambos tinham crescido juntos. No início, ambos foram um choque imenso e exigiam atenção constante, mas, a cada ano que passava, tornavam-se mais autônomos e podia-se tirar os olhos deles por períodos mais extensos. De vez em quando, um acontecimento em especial me fazia olhar para um ou para o outro — meu filho ou a guerra — com minha atenção integral, e em ocasiões como essas eu sempre pensava: Puxa, você não cresceu?

Estava interessada em como funcionava esse novo tipo de orgasmo. Levantei os olhos da mensagem de texto na tela do celular.

— Por que só se pode ter esse orgasmo com o chefe?

— É aquela coisa do fruto proibido, a pessoa tem um *frisson* a mais por estar quebrando o tabu do escritório. Causado por hormônios, neurotransmissores e outros tais. Sabe como é. Ciência.

— Hum. E isso já foi mesmo provado pelos cientistas?

— Deixe de ser pragmática, Sarah. Estamos falando de um novo universo inteiro de prazer sexual. Que estamos chamando de ponto C. De Chefe. Viu o que fizemos aqui?

— Fantástico.

— Obrigada, querida. Nós nos esforçamos.

Chorei intimamente ao pensar em mulheres pelo país afora sentindo prazer com gerentes do segundo escalão de ternos de calças lustrosas. Na tela plana, o News 24 passara do Oriente Médio para a África. Paisagem diferente, mesma coluna de fumaça negra espessa. Um par de olhos amarelados contemplando aquilo com a mesma expressão impassível de Andrew antes que eu me virasse para sair para o trabalho. Os pelos dos meus braços se eriçaram outra vez. Desviei o olhar da tela e andei os três passos até a janela que dava para a Commercial Street. Encostei a testa no vidro, o que costumo fazer quando estou tentando pensar.

— Você está bem, Sarah?

— Estou. Escute, pode me fazer o grande favor de ir buscar dois cafés para nós?

Clarissa foi até nossa excêntrica máquina de café, a equivalente ao que na redação da *Vogue* teria sido um *salon de thé* interno. Lá embaixo, na rua, um carro da polícia parou e estacionou nas linhas duplas amarelas defronte ao nosso prédio. De cada lado do carro, desceu um policial uniformizado. Entreolharam-se por cima da capota do carro. Um deles tinha cabelo curto cortado rente, e o outro tinha uma calva redonda e bem-definida como a de um monge. Vi-o inclinar a cabeça para o lado a fim de escutar o rádio em sua lapela. Sorri, pensando distraidamente num projeto no qual Charlie estava trabalhando em sua creche. “A Polícia: Pessoas que nos Ajudam”, era o nome do projeto. Meu filho, evidentemente, não estava nem um pouco convencido disso. Num alerta máximo constante, com suas bat-capa e bat-máscara, Charlie acreditava que o presumido cidadão deve estar sempre pronto a ajudar a si mesmo.

Clarissa voltou com dois copos plásticos de café. Num deles, a máquina de café depositara uma colherzinha de acrílico transparente. No outro, resolvera não o fazer. Clarissa hesitava, sem saber qual me dar.

— A primeira grande decisão editorial do dia — disse ela.

— É fácil. Sou a chefe. Me dê o que tem a colher.

— E se eu não der?

— Então talvez a gente jamais consiga localizar seu ponto C, Clarissa. Estou avisando!

Clarissa fraquejou e me passou o café com a colher.

Eu disse:

— Gosto da matéria sobre Bagdá.

Clarissa suspirou e deixou cair os ombros.

— Eu também, Sarah, claro. É um ótimo artigo.
— Cinco anos atrás, era o que teríamos escolhido sem discutir.
— Cinco anos atrás, nossa tiragem era tão pequena que tínhamos de correr esses riscos.

— E foi assim que crescemos, sendo diferentes. *É assim* que somos.

Clarissa sacudiu a cabeça.

— Crescer é diferente de se manter grande. Você sabe tão bem quanto eu, não podemos oferecer histórias edificantes enquanto os outros grandes estão vendendo sexo.

— Por que acha que nossos leitores emburreceram?

— A questão não é essa. Acho que nossos antigos leitores não estão mais lendo revistas, só isso. Migraram para coisas maiores, como você também poderia fazer caso entrasse no jogo. Talvez não esteja percebendo quanto você cresceu, Sarah. Seu próximo emprego pode ser o de editora-chefe de um jornal de circulação nacional.

Suspirei.

— Que emocionante. Eu poderia pôr garotas de *topless* em todas as páginas.

Meu coto de dedo coçava. Espiei de novo o carro de polícia lá embaixo. Os dois policiais estavam colocando seus quepes. Bati de leve com meu celular no dente da frente.

— Vamos tomar um drinque depois do trabalho, Clarissa. Leve seu novo namorado, se quiser. Eu levo Andrew.

— Sério? Em público? Você vai com *seu marido*? Isso não ficou incrivelmente fora de moda este ano?

— Está incrivelmente fora de moda há cinco anos.

Clarissa inclinou a cabeça e olhou para mim.

— O que está querendo me dizer, Sarah?

— Não estou querendo dizer nada, Clar. Gosto demais de você para *querer dizer* alguma coisa. Só estou me perguntando, na verdade. Estou ponderando que, afinal de contas, as escolhas que fiz cinco anos atrás talvez não tenham sido tão más assim.

Clarissa sorriu com ar resignado.

— Ótimo. Mas não pense que vou deixar de apertar as pernocas dele por baixo da mesa só porque ele é seu marido.

— Se fizer isso, Clarissa, vou lhe manter como editora assistente da seção de horóscopo até o final de sua vida.

O telefone de minha mesa tocou. Vi a hora na tela: 10h25. É engraçado como esses detalhes ficam gravados na pessoa. Peguei o telefone e era da

recepção, a voz da moça soando profundamente entediada. Na *Nixie*, usávamos a recepção como canto do castigo: quando uma das moças ficava rabugenta demais na redação, nós a mandávamos para o térreo, para passar uma semana atrás da escrivadinha mais reluzente do escritório.

— Há dois policiais aqui.

— Ah, foi aqui que entraram? O que eles querem?

— Certo, agora vamos adivinhar o motivo para ter ligado para seu número.

— Querem falar comigo?

— Não foi à toa que você se tornou chefe, Sarah.

— Ora, cale a boca. O que eles querem falar comigo?

Fez-se uma pausa.

— Posso perguntar, acho.

— Se não for muito incômodo.

Uma pausa ainda maior.

— Eles disseram que querem filmar um curta pornô na redação. Que não são policiais de verdade e que os pintos deles são simplesmente enormes.

— Ah, meu Deus do céu... Diga que já vou descer.

Desliguei o telefone e olhei para Clarissa. Os pelos dos meus braços arrepiaram-se de novo.

— É a polícia — eu disse.

— Relaxe — disse Clarissa. — Conspiração para publicar um artigo sério não dá cadeia nesse país.

Atrás dela, Jon Stewart estava rindo na TV. O convidado dele também ria. Senti um certo alívio. Era preciso arranjar algo do que rir, naquele verão, com tantas cidades pegando fogo. Rir, ou usar uma fantasia de super-herói, ou tentar algum tipo de orgasmo que a ciência ainda não definira.

Desci para o saguão pelas escadas, acelerando o passo cada vez mais. Os dois policiais estavam parados muito juntos um do outro, com os quepes nas mãos e seus grandes e práticos sapatos de couro em meu mármore negro. Um rubor intenso cobria o rosto do mais jovem.

— Desculpem — disse eu.

Fulminei a recepcionista com o olhar e ela me deu um largo sorriso forçado sob o cabelo louro meticulosamente partido na lateral.

— Sarah O'Rourke?

— Summers.

— Como, minha senhora?

— Sarah Summers é meu nome profissional.

O policial mais velho olhou-me com ar inexpressivo.

— É um assunto particular, senhora O'Rourke. Há algum lugar onde possamos conversar?

Levei-os para a sala de reunião no primeiro andar. Tons de rosa e violeta, mesa de vidro comprida, mais néon.

— Aceitam um café? Ou um chá? Embora eu não possa garantir com certeza se virá café ou chá. Nossa máquina é um pouco...

— É melhor se sentar, minha senhora.

Os rostos dos policiais brilhavam de modo pouco natural sob a luz rosada. Pareciam homens de filmes em preto e branco colorizados por computador. Um deles, mais velho, era calvo. Com uns quarenta e cinco anos. O mais novo, o do cabelo louro curto, talvez tivesse uns vinte e dois, vinte e quatro anos. Belos lábios. Bem cheios, parecendo suculentos. Não era bonito, mas fiquei fascinada pela maneira como se portava de pé e baixava os olhos de modo respeitoso ao falar. E é claro que o uniforme também sempre conta. Gostaria de saber se despem o protocolo junto com o casaco, ou algo assim.

Os dois colocaram seus quepes em cima do vidro fumê arroxeadado. Rodaram-nos com seus dedos brancos e limpos. Ambos pararam exatamente no mesmo momento, como se algum ângulo crucial que tivessem praticado durante seu treinamento básico tivesse sido atingido com precisão naquele ponto.

Fitaram-me. Meu celular retiniu ruidosamente no tampo de vidro da mesa — uma mensagem de texto chegando. Sorri. Devia ser Andrew.

— Tenho más notícias para a senhora — disse o policial mais velho.

— O que quer dizer com isso?

Meu tom de voz saiu mais agressivo do que eu pretendia. Os policiais fixaram os olhos em seus quepes em cima da mesa. Eu precisava ler a mensagem de texto que acabara de chegar. Quando estendi a mão para pegar o telefone, vi os dois olhando para o toco de meu dedo cortado.

— Isso não foi nada. Perdi durante umas férias. Numa praia, aliás.

Os dois policiais se entreolharam. Viraram-se de novo para mim. O mais velho falou. A voz dele de repente soou rouca.

— Sentimos muito, senhora O'Rourke.

— Ah, por favor, não se preocupem. Não ligo para isso. Agora estou bem. Foi só um dedo.

— Não foi o que quisemos dizer, senhora O'Rourke. Lamento, mas recebemos instruções para dizer à senhora que...

— Olhe aqui, sinceramente, a gente se acostuma a passar sem um dedo. No começo parece uma coisa muito séria, mas depois a pessoa aprende a usar a outra mão.

Levantei a cabeça e vi os dois me olhando, pálidos e sérios. O néon crepitava. No relógio da parede, um minuto novo estalou sobre o velho.

— O mais engraçado é que ainda o sinto, sabiam? O meu dedo. O que está faltando. Às vezes, ele até coça. E, quando vou coçá-lo, não encontro nada, é claro. E sonho que meu dedo cresceu novamente, fico tão contente por tê-lo de volta, mesmo tendo aprendido a passar sem ele. Não é ridículo? Sinto falta dele, não é? E ele *coça*.

O policial mais jovem respirou fundo e olhou para seu bloco de anotações.

— Seu marido foi encontrado inconsciente em sua casa essa manhã, logo depois das nove horas, senhora O'Rourke. Um vizinho escutou gritos e ligou para o 999 informando que um indivíduo do sexo masculino parecia estar passando mal. A polícia foi até o local e forçou a entrada de um apartamento do andar superior às nove e quinze, quando Andrew O'Rourke foi encontrado inconsciente. Nossos policiais fizeram tudo o que puderam, uma ambulância foi chamada e levou a vítima, porém lamento lhe informar, senhora O'Rourke, que seu marido foi declarado morto no local às... aqui está, nove horas e trinta e três minutos.

O policial fechou seu bloco.

— Lamentamos muito, minha senhora.

Apanhei meu telefone. A nova mensagem era realmente de Andrew. SINTO MUITO, dizia.

Ele sentia muito.

Coloquei o telefone e a minha pessoa no modo silencioso. O silêncio durou a semana inteira. Emitiu um ronco surdo no táxi para casa. Uivou quando apanhei Charlie na creche. Estralejou no telefonema para meus pais. Rugiu nos meus ouvidos quando o agente funerário me explicou os méritos relativos dos caixões de carvalho e de pinho. Pigarreou desculpando-se quando o redator de obituários do *The Times* telefonou para checar alguns detalhes. Agora, o silêncio me seguia dentro da igreja fria e cheia de ecos.

Como explicar a morte para um super-herói de quatro anos? Como anunciar a chegada súbita do luto? Nem eu mesma ainda a aceitei. Quando o policial me disse que Andrew estava morto, minha mente recusou-se a registrar a informação. Sou uma mulher bastante comum, acredito, e razoavelmente preparada para lidar com os problemas cotidianos. Sexo interrompido, decisões editoriais difíceis e máquinas de café que não funcionam bem — estas coisas minha cabeça pode aceitar prontamente. Mas meu Andrew, morto? Ainda me parecia fisicamente impossível. Em determinado momento da minha vida, ele ocupara mais de sete décimos da superfície da Terra.

Entretanto, lá estava eu, contemplando o caixão de Andrew, um caixão simples de carvalho (*Uma escolha clássica, madame*), e ele parecia bem pequeno na nave ampla da igreja.

— *Mamãe, onde está o papai?*

Sentada no primeiro banco da igreja com os braços em torno de meu filho, notei que começara a tremer. O vigário estava fazendo o elogio fúnebre. Falava sobre meu marido usando o verbo no passado. E o fazia muito bem. Ocorreu-me que ele nunca tivera de lidar com Andrew no presente, ou revisar suas colunas do jornal, ou senti-lo perdendo o ritmo lá dentro, como uma peça de mecanismo de relógio.

Charlie contorceu-se em meus braços e fez sua pergunta outra vez, a mesma que vinha fazendo dez vezes por dia desde que Andrew morrera.

— *Mamãe, onde está meu papai agorinha, neste minuto?*

Aproximei-me de sua orelha e sussurrei:

— *Está num lugar ótimo lá do céu agora, Charlie. Há uma sala linda e comprida para onde todos eles vão depois do café da manhã, com uma porção de livros interessantes e coisas boas para fazer.*

— Ah. E tem pintura e desenho lá?

— Tem, tem pintura e desenho.

— E meu papai está desenhando?

— Não, Charlie. Papai está abrindo a janela e olhando para o céu.

Estremeci e me perguntei por quanto tempo ainda teria de continuar narrando a vida além-túmulo de meu marido.

Mais palavras, os hinos em seguida. Mãos seguraram meus cotovelos e me levaram para fora. Observei a mim mesma parada num cemitério ao lado de um buraco fundo no chão. Seis coveiros de terno faziam descer um caixão ali, por meio de grossas e sedosas cordas verdes com borlas nas extremidades. Reconheci-o como sendo o caixão que estivera em cima do cavalete dentro da igreja, na frente dos bancos. O caixão pousou no fundo. Os coveiros recolheram as cordas com um movimento ágil do pulso. Lembro-me de ter pensado, aposto que fazem a mesma coisa todo dia o tempo todo, como se isso fosse um raciocínio brilhante. Alguém enfiou um punhado de barro na minha mão. Percebi que estava sendo convidada — pressionada, até — para jogar aquilo dentro do buraco. Tinham colocado grama fresca nas bordas da sepultura. Olhei para baixo e vi o brilho pálido do caixão no fundo. Batman estava firmemente agarrado à minha perna e espiou para dentro da cova escura junto comigo.

— Mamãe, por que os homens de roupa de Bruce Wayne botaram a caixa aí dentro desse buraco?

— Não vamos pensar nisso agora, meu querido.

Eu passara tantas horas explicando como era o céu para Charlie durante aquela semana: todos os quartos, prateleiras e caixas de areia do céu, que acabei não tratando da questão do corpo físico de Andrew em nenhum momento. Achei que seria demais querer que meu filho de quatro anos compreendesse a separação entre corpo e espírito. Refletindo agora a respeito acho que subestimei o menino que podia viver simultaneamente em Kingston-upon-Thames e Gotham City. Acho que se eu tivesse conseguido fazê-lo sentar e explicasse tudo com calma ele teria ficado plenamente satisfeito com a dualidade.

Ajoelhei-me e passei o braço em torno dos ombros de meu filho. Minha intenção era ser carinhosa, mas minha cabeça estava boiando e percebi que somente Charlie me impedia de cair dentro do buraco. Abracei-o com mais força. Charlie encostou a boca em minha orelha e cochichou:

— Onde está meu papai agora neste minuto?

Cochichei de volta:

— Seu papai está nas colinas do céu, Charlie, um lugar muito procurado nesta época do ano. Acho que ele está muito contente lá.

— Mmm. Meu papai vai voltar logo?

— Não, Charlie. As pessoas não voltam do céu. Já conversamos sobre isso.

Charlie apertou os lábios fazendo beicinho.

— Mamãe — repetiu ele —, por que eles botaram a caixa aí dentro?

— Acho que é para que fique bem guardada.

— Ah. E eles vão voltar pra pegar ela depois?

— Não, Charlie, acho que não.

Charlie piscou. Sob sua bat-máscara, ele franziu o rosto com o esforço de tentar compreender.

— Onde é que é o céu, mamãe?

— Por favor, Charlie, fique quieto. Agora, não.

— O que é que tem dentro daquela caixa?

— Mais tarde a gente fala sobre isso, querido, está bem? Mamãe está meio tonta.

Charlie me encarou.

— Meu papai está dentro daquela caixa?

— Seu papai está no céu, Charlie.

— AQUELA CAIXA É O CÉU? — disse Charlie em voz alta.

Todo mundo estava olhando para nós. Eu não conseguia falar. Meu filho olhou fixamente o interior do buraco. Depois olhou para mim com uma expressão de absoluto pavor.

— Mamãe, tira ele DAÍ! Tira meu papai do céu!

Segurei-o com força pelos ombros.

— Ah, Charlie, por favor, você não está compreendendo!

— TIRA ELE DAÍ! TIRA ELE DAÍ!

Meu filho se desvencilhou de meu abraço, soltou-se de mim. Aconteceu muito depressa. Ele foi até a extremidade do buraco. Olhou para trás, para mim, depois se virou e avançou, mas a grama que encobria a beirada do buraco cedeu sob seus pés e ele caiu, a bat-capa flutuando atrás dele, dentro do buraco. Aterrissou com um baque surdo em cima do caixão de Andrew. Houve um único grito agoniado de uma das pessoas presentes. Acho que foi o primeiro som, desde a morte de Andrew, que realmente quebrou o silêncio.

O grito reverberou várias vezes em minha mente. Senti náusea e o horizonte balançou loucamente. Ainda ajoelhada, inclinei-me na borda da cova. Lá embaixo, no escuro, meu filho estava socando o caixão e gritando:

— *Papai, papai! SAI DAÍ!*

Agarrado à tampa do caixão, firmou os pés na parede lateral da cova e puxava os parafusos que mantinham a tampa fechada. Estendi meus braços para baixo e implorei a Charlie que segurasse minhas mãos, para que eu pudesse puxá-lo de volta para cima. Tenho a impressão de que ele não escutou nada.

De início, meu filho se movia cheio de confiança, esbaforido. Afinal de contas, Batman estava invicto naquela primavera. Dominara o Pinguim, o Puffin e o Senhor Frio. A mente de meu filho simplesmente não cogitava a possibilidade de deixar de superar aquele novo desafio. Ele berrava, furioso, enraivecido. Não desistiria, mas, se eu quiser ser exata e me forçar agora a definir o momento preciso de toda essa história em que meu coração se partiu de modo irreparável, foi quando vi o cansaço e a dúvida começarem a se aposar dos pequenos músculos de meu filho enquanto seus dedos escorregavam, pela décima vez, na tampa de carvalho claro.

As pessoas aglomeraram-se em torno da beira da sepultura, paralisadas com o horror daquela situação, daquela primeira descoberta da morte que era pior do que a própria morte. Eu tentava me debruçar mas havia mãos em meus cotovelos me detendo. Eu lutava para me soltar, olhava todos os rostos horrorizados ao redor do túmulo e pensava: Por que ninguém faz nada?

Mas é difícil, muito difícil ser o primeiro.

Finalmente, foi Abelhinha que desceu, que entrou na sepultura e segurou meu filho para os outros o puxarem para fora. Charlie dava chutes,

mordia e esperneava ferozmente, a máscara e a capa enlameadas. Queria voltar para baixo. E foi Abelhinha, depois que a tiraram de lá, quem o abraçou e o conteve enquanto ele gritava, NÃO, NÃO, NÃO, NÃO, NÃO e as pessoas mais próximas se aproximavam, pisando na faixa estreita de grama e jogavam seus pequenos punhados de barro na cova. Os gritos de meu filho pareceram continuar por um espaço dolorosamente longo de tempo. Lembro de me perguntar se minha mente iria se despedaçar com o barulho, como uma taça de vinho com a voz de uma soprano. Na realidade, um antigo colega de Andrew, um correspondente de guerra que estivera no Iraque e em Darfur, chegou a me telefonar dias mais tarde para recomendar o nome de um terapeuta especializado em neurose de guerra com quem ele se tratava.

— *É muita gentileza sua* — disse-lhe eu —, *mas não estive na guerra.*

Ao lado da sepultura, quando os gritos cessaram, segurei Charlie junto ao meu corpo, a cabeça apoiada em meu ombro. Ele estava exausto. Através dos furos de sua bat-máscara, eu via suas pálpebras se fechando. Vi as pessoas caminharem lentamente na direção do estacionamento. Guarda-chuvas de cores vivas destacavam-se contra os trajes escuros. Começava a chover.

Abelhinha ficou comigo. De pé ao lado da sepultura, nós nos entreolhamos.

— Obrigada — disse eu.

— Não foi nada — disse Abelhinha. — Só fiz o que qualquer um faria.

— É, só que ninguém fez — repliquei.

Abelhinha deu de ombros.

— É mais fácil quando se é de fora.

Estremeci. A chuva apertou.

— Isso nunca mais vai acabar — disse eu. — Não é, Abelhinha?

— *Por mais tempo que a lua desapareça, um dia ela brilha outra vez.* Era o que a gente costumava dizer na minha aldeia.

— *As chuvas de abril trazem as flores de maio.* É o que costumávamos dizer na minha.

Tentamos sorrir uma para a outra.

Acabei não jogando meu punhado de terra na cova. Não o joguei em nenhum outro lugar também. Duas horas depois, sozinha por um instante junto à mesa da cozinha de nossa casa, reparei que ainda o trazia na mão fechada. Deixei-o ali em cima da toalha da mesa, uma bolotinha bege sobre o tecido azul de algodão. Quando voltei, minutos mais tarde, alguém passara e o tirara dali.

Dias depois, o obituário do *The Times* comentou que tinham acontecido cenas pungentes no enterro de seu antigo colunista. O chefe de Andrew enviou-me o recorte, num grosso envelope bege, junto com uma breve nota de condolências em papel branco.